

**ACESSO E PERMANÊNCIA DE ALUNOS BOLSISTAS NA PUC-SP SOB A
PERSPECTIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL**

RELATÓRIO DE PESQUISA

Auxílio à Pesquisa (AuxP) - 2º semestre de 2021

EDITAL PIPEq 11102/2021

ACESSO E PERMANÊNCIA DE ALUNOS BOLSISTAS NA PUC-SP SOB A PERSPECTIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL

Resumo:

A pesquisa se iniciou com mapeamentos e revisões bibliográficas do tema de pesquisa que fundamentaram o desenvolvimento de questionário, com perguntas fechadas e abertas, o qual foi autorizado pela Reitoria, pelo CEP e pelo gestor de proteção de dados, tendo sido enviado aos bolsistas pelo Setor de Administração de Bolsas de Estudos (SABE), em maio de 2023. Previamente havia sido aplicado um piloto, que obteve 43 respostas (maio a junho de 2022), que serviu de base para o planejamento dos grupos focais. Ao todo, obtivemos 300 respostas, com 290 questionários válidos. Foram realizados também dois grupos focais, que contaram com estudantes de vários cursos.

Os resultados permitiram confirmar, aprofundar e problematizar diversas hipóteses relacionadas ao contexto social dos estudantes bolsistas e às dificuldades de acesso e permanência no ensino superior, e na PUC-SP, em particular. Assim, fornecem indicações relevantes para a ampliação de diálogos junto à comunidade acadêmica, trazendo subsídios para melhorar as condições de acolhimento desses estudantes e para a avaliação e aprimoramento das políticas institucionais, visando a melhoria das condições de permanência e a excelência acadêmica dos(as) alunos(as) bolsistas.

Equipe Pesquisadores

Prof. Dr. Roberto Sanches Padula (Prof. Dr. Curso de Administração) - Coordenador

Prof. Dr. Pedro Javier Aguerre Hughes (Prof. Dr. Curso de Administração)

Profa. Dra. Marli Pitarello (Prof^ª. Dra. Curso de Serviço Social)

Profa. Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni (Prof^ª. Dra. Curso de Psicologia)

Profa. Ma. Valéria Kabzas Cecchini (Doutoranda TIDD PUC-SP)

Auxiliares de Pesquisa:

Beatriz Machado Tarquiano Vicente (Curso de Psicologia)

Bianca Sabino de Araujo (Curso de Serviço Social)

Camila Ferreira Soares (Curso de Psicologia)

Caroline Batista Bettio (Curso de Psicologia)

Dóris Maria Lupiañez do Nascimento (Curso de Serviço Social)

Edilene Souza da Silva (Curso de Serviço Social)

Larissa Alves de Macedo (Curso de Administração)

SUMÁRIO EXECUTIVO DO RELATÓRIO DE PESQUISA

1) Introdução e dados preliminares

A pesquisa apresentada no presente Sumário executivo aborda a temática do acesso e permanência de alunos bolsistas na PUC-SP sob a perspectiva da influência cotidiana da desigualdade social na vida destes estudantes. A pesquisa, iniciada no segundo semestre de 2021 e finalizada em setembro de 2023, foi apoiada pelo Edital do Plano de Incentivo a Pesquisa (PIPEq), e compõe-se de levantamentos de materiais bibliográficos e informações públicas junto a dados e informações obtidas diretamente junto aos estudantes bolsistas, que enfrentam cotidianamente situações contraditórias quanto a poder exercer o direito ao ensino superior, sem a mesma probabilidade de chegar ao fim dos estudos dos estudantes não-bolsistas – situações estas que por muitas vezes são resultado das múltiplas consequências diretas e vicissitudes da desigualdade social do Brasil e das políticas institucionais das instituições de ensino superior, que, somadas, muitas vezes resultam no comprometimento da capacidade de acompanhamento ou mesmo no abandono dos estudos e na evasão.

A desigualdade social e suas diversas especificidades e manifestações estão assentadas na apropriação privada da riqueza nas sociedades capitalistas, criando acesso desigual aos meios de sobrevivência e aos rendimentos, assim como a políticas públicas fundamentais, como saúde, educação, moradia, em suma, as condições dignas de vida, o que tem forçado os jovens de famílias de baixos rendimentos a encontrarem formas de subsistência e integração no mercado de trabalho, muitas vezes antagônicas com as condições mínimas para progredir nos estudos, e poder tornar-se muitas vezes o(a) primeiro(a) a obter o diploma universitário em sua família. Ao ter acesso ao ensino superior, os bolsistas comumente conciliam estudo e trabalho, devido à necessidade de contribuir com a renda e o sustento da família. Mais que isso, só nas últimas décadas, a partir de meados dos anos 2000, com a criação do Prouni, é que este segmento da população passou a ter a oportunidade de frequentar ensino superior. A rigor, há pouco tempo que a expansão do ensino médio criou a possibilidade de ampliação do acesso ao ensino superior, cujo acesso, apesar de muitos e consistentes avanços, ainda é muito seletivo.

A desigualdade social não começa na universidade e na PUC-SP. Devido ao seu caráter estrutural, todas as instituições sociais da sociedade a vivenciam e reproduzem. Nesse sentido, os estudantes que cursam o ensino público e o privado, também vêm materializada objetiva e subjetivamente as desigualdades que constituem e marcam a sociedade de classes. Os processos de seleção estiveram historicamente comprometidos com um conceito de meritocracia restritos a poucos

círculos sociais que contavam com diversas vantagens sociais. De qualquer forma é sabido que os recursos na sociedade não estão disponibilizados de forma suficiente e adequada para atender a todas e todos os(as) cidadãos(ãs) candidatos(as), fazendo com que somente uma parte deles(as) terá, de fato, o acesso pretendido, o que é muito distante da utopia de um ensino básico de excelência para todos e um acesso universalizado ao ensino superior.

A pesquisa bibliográfica constatou que os processos seletivos de acesso não são apenas instrumentos de inclusão e transformação da sociedade, mas também de controle social que, ao final, também legitimam a desigualdade social, ao individualizar as oportunidades daqueles que ultrapassam as inúmeras barreiras até a inscrição, no caso dos prounistas, após obterem resultados no Enem favoráveis à obtenção da bolsa de estudos e escolha da instituição e curso compatíveis com o resultado obtido.

A estas características fundamentais da desigualdade no Brasil se somam os impactos socioeconômicos dos anos recentes e os dois anos da pandemia da COVID-19 (ambos ainda pouco estudados), quando o ensino presencial ficou impossibilitado. Neste contexto, as consequências educacionais da profunda desigualdade social existente agravaram-se, e assumiram novos contornos, tornando-se mais visíveis nas vidas das pessoas e para o conjunto da opinião pública. Ou seja, não foi a pandemia que gerou a desigualdade, mas a aprofundou em direções alarmantes, das quais a limitada inclusão digital é apenas uma delas, as quais ainda precisam serem mais pesquisadas e conhecidas (Aguerre, 2020; Gusso et. al, 2020).

Diante deste quadro preliminar, a pesquisa objetivou identificar e visibilizar alguns pormenores e vicissitudes do processo de ingresso e permanência de alunos bolsistas Prouni, Fundasp e Programa Pindorama nos cursos de graduação da PUC-SP, no período de 2018 a 2021, tomando por base dados quantitativos e qualitativos, a fim de ampliar o conhecimento da dinâmica do aluno bolsista, incluindo o impacto geral do período da pandemia. Assim, o trabalho de pesquisa buscou mapear o universo de bolsistas no período compreendido pela pesquisa, compreendendo sua realidade e o aproveitamento dos estudos, mas também as dificuldades e barreiras enfrentadas diariamente.

A pesquisa permitiu obter dados essenciais para repensar e aprimorar as políticas de permanência e o combate à evasão de estudantes, a partir do conhecimento das necessidades, anseios e apoios utilizados pelos estudantes para que permanecessem estudando, possibilitando também empreender uma análise da experiência social e subjetiva desses estudantes. Considerou-se relevante o recorte interseccional – de classe, raça-cor, gênero e orientação sexual e deficiência, entre outros – , perpassando toda a pesquisa, procurando compreender como se expressam estes marcadores sociais enquanto dimensões fundamentais presentes em cada momento dos processos de ingresso e permanência, no compartilhamento cotidiano do espaço-tempo universitário com seus pares e com

seus professores e professoras, considerando a expressão subjetiva das relações de desigualdade de gênero, étnico-racial, racismo e outras formas de discriminação que marcam estruturalmente a sociedade brasileira.

A metodologia do trabalho dividiu-se em dois momentos principais: primeiramente, a partir da revisão bibliográfica e pesquisa e análise de artigos científicos e dados públicos (OXFAM e IBGE, por exemplo). A análise dos artigos permitiu identificar o “estado da arte”, mapeando e contextualizando as diversas dificuldades no acesso e permanência à universidade, tanto nas universidades públicas quanto no ensino superior privado. Nesse mapeamento destacaram-se questões de renda, transporte e apoio familiar. Assim, o tempo gasto com o trajeto até a faculdade (sendo a questão de gênero apresentada como um agravante no trajeto de mulheres ao retornar para casa tarde da noite), como o fato de que muitos estudantes precisam trabalhar para atender suas próprias necessidades de sobrevivência ou ajudar na composição da renda familiar, e até mesmo o sentimento de não-pertencimento dentro do ambiente universitário, são fatores que dificultam ou podem impedir que estes alunos bolsistas possam investir tempo e energia na continuidade de seus estudos.

A outra estratégia, a partir desses mapeamentos iniciais e das discussões periódicas do grupo de pesquisa – que envolveu alunas(os) dos cursos de administração, psicologia e serviço social selecionadas para atuarem como auxiliares de pesquisa –, foi o desenvolvimento de um questionário de 25 perguntas, aplicado a nada menos que 300 bolsistas e a realização de dois grupos focais. Os alunos puderam ser caracterizados em termos de vulnerabilidade sócio territorial (condições habitacionais, mobilidade, inclusão digital, renda, composição familiar, renda etc.), raça-cor, de gênero, sexualidade, deficiências, entre outras, considerando a expressão subjetiva das relações de desigualdade presentes na sociedade brasileira. Vale destacar o caráter qualitativo da pesquisa, com espaço para respostas abertas e manifestações pessoais dos participantes. Estas pesquisas de campo se mostraram essenciais para compreender a temática analisada

São os estudantes reais de carne e osso, que precisam ser compreendidos e consultados para poder avaliar as políticas e desenvolver estratégias, e não estudantes idealizados, abstratos ou estereotipados. Esses alunos muitas vezes carregam em si e em suas relações sociais os traços de sofrimento e humilhação decorrentes da desigualdade, da condição de pobreza, de seu pertencimento geográfico ou étnico-racial, vivendo em uma sociedade injusta, que preserva traços patriarcais e autoritários, machistas, racistas e conservadores. Também merece destaque a riqueza dos testemunhos dos valores e riquezas encontrados nesses contextos sociais subalternizados, que se refletem em alta resiliência e testemunhos de superação dessa condição estrutural ainda presente.

Múltiplos são os desafios vividos pelas(os) alunos bolsistas para chegar e depois para permanecer nas instituições e conseguir concluir os estudos, inclusive a chamada pós-permanência, que estabelece a possível e desejável continuidade dos estudos e o ingresso e desenvolvimento no mercado de trabalho.

Assim, o foco foi em gerar subsídios para o debate das consequências da desigualdade social dentro da universidade, estimulando a discussão aprofundada de políticas de permanência mais eficazes, incluindo nelas o debate da necessidade de construção de medidas de enfrentamento e desmonte de quaisquer formas de racismo e discriminação de classe, gênero/sexo, idade, condições físicas, entre outras.

A pandemia também trouxe novas necessidades para estes estudantes, especialmente trazendo a questão da conectividade digital de pessoas que residem em territórios precarizados e vulneráveis. Na pandemia, por exemplo, os bolsistas foram atendidos por meio da distribuição de computadores e pacotes de dados (chips) emprestados aos alunos (política desenvolvida pela Pró-Reitoria da Faculdade de Cultura e Relações Comunitárias, junto à Fundasp). Outra questão muito presente e que foi enfrentada a partir de demandas dos Centros Acadêmicos foi, logo no início da pandemia, quando, com o fechamento da universidade e do refeitório, apareceu com força inédita a questão da insegurança alimentar, que foi atendida pela Reitoria e pela mantenedora (Fundasp), por meio da distribuição de cestas básicas diretamente na casa dos bolsistas.

A pesquisa mostrou que não basta pensar apenas no acesso, embora seja um aspecto fundamental, mas é preciso criar as condições para que os estudantes que frequentam a universidade possam permanecer nela, com apoio e qualidade, na perspectiva da excelência acadêmica. Fazer isso requer uma compreensão mais profunda das necessidades dos bolsistas e de como se torna possível acompanhar e apoiar institucionalmente esses estudantes. Vê-se claramente que não é possível reverter as causas estruturais institucionais da desigualdade, mas é possível atenuar ou minimizar diversas dificuldades associadas às relações sociais quotidianas e ao processo educativo. Como acompanhar e apoiar os bolsistas para que possam continuar e concluir os cursos que iniciaram? O que os ajudará a seguir em frente durante a pandemia e a continuar após a pandemia?

O trabalho justificou-se pela necessidade de explicitar e analisar facilidades e dificuldades vividas pelos(as) alunos(as) bolsistas da PUC-SP no cotidiano da Universidade, tendo em vista a conclusão de seus estudos no ensino superior. São visíveis e reconhecidos vários programas/medidas que vêm sendo construídos ao longo do tempo na PUC-SP no sentido de facilitar a permanência de alunos bolsistas, porém, compreende-se que é preciso e possível ir mais longe nessa política, uma vez que há expressões da desigualdade social que se manifestam nas várias instâncias da vida acadêmica

que se faz necessário conhecer mais aprofundadamente e publicizar, tendo como horizonte delinear outras formas de enfrentamento.

Considera-se que esse estudo abre uma discussão em torno de como os bolsistas participantes da pesquisa tem vivido e respondido às desigualdades sociais que se reproduzem em geral e também no cotidiano dos espaços que compõe a PUC-SP, mostrando como enfrentaram a pandemia e como tem dado conta das suas necessidades no pós pandemia, expondo assim de que forma alunos(as) bolsistas, não bolsistas, docentes e funcionários vêm lidando com os desafios colocados por esse importante segmento do alunado, o que acaba por indicar alterações necessárias, através da socialização das informações obtidas e do debate continuado buscando caminhos inovadores, desenvolvidos em diálogo com todos os segmentos envolvidos.

Acreditamos assim que a presente pesquisa traz elementos que permitem conhecer mais profundamente as necessidades das/os bolsistas, para refletir sobre como institucionalmente é possível acompanhá-los e auxiliá-los na sua trajetória de formação universitária.

2) Resumo analítico das respostas do questionário

A pesquisa foi planejada e elaborada coletivamente nos primeiros meses do projeto. Teve dois momentos de aplicação: maio a junho de 2022, predominantemente por grupos de WhatsApp e mediante o contato direto com os bolsistas pelos docentes e pelas estudantes auxiliares desta pesquisa, além do contato com os coletivos e centros acadêmicos. O segundo momento foi em maio de 2023. O convite aos alunos para participar da pesquisa foi feito via e-mail por intermédio de Setor de Administração de Bolsas de Estudos – SABE. O envio do questionário aconteceu, respeitando a Lei Geral de Proteção aos Dados – LGPD.

Dos 300 respondentes, 290 completaram o questionário. Dessa forma, temos que cerca de 15% dos bolsistas da PUC-SP responderam ao questionário, garantindo 95% de confiabilidade. Os respondentes são predominantemente prounistas com bolsa integral, seguidos pelos bolsistas Fundasp. A cobertura da pesquisa foi variada, conforme os **cursos da PUC-SP**, tendo as maiores concentrações nos cursos de Direito, Psicologia e Ciências Econômicas.

Curso e turno

Curso	Integral	Matutino	Noturno	Vespertino	Total
Direito		12.76%	10.69%		23.45%
Psicologia	11.72%			0.69%	12.41%
Ciências Econômicas		5.17%	4.83%		10.00%
Jornalismo		2.41%	4.48%	0.69%	7.59%
Administração		3.45%	3.79%		7.24%
Medicina	3.79%				3.79%
Relações Internacionais		0.34%	1.72%	1.72%	3.79%
Serviço Social		3.45%			3.45%
Ciências Sociais		2.76%			2.76%
Publicidade e Propaganda		2.07%	0.34%		2.41%
Enfermagem		1.72%			1.72%
Engenharia Biomédica		1.72%			1.72%
Fonoaudiologia		1.72%			1.72%
Total	15.52%	48.97%	30.34%	5.17%	100.00%

Mais da metade dos estudantes respondentes eram principalmente do primeiro e terceiro semestres, ou seja, recém ingressantes, seguidos por alunas/os do sétimo e quintos semestres. Em relação à **idade**, os bolsistas tinham em média idade mais avançada em relação aos estudantes não-bolsistas, oscilando entre 20 e 24 anos. Os estudantes bolsistas frequentemente tem seu histórico marcado por atrasos na realização da educação básica e na conclusão do ensino médio e/ou devido à necessidade de trabalhar, resultando numa escolarização não sequencial ou mais demorada que a média geral. Além disso, a entrada no ensino superior pode ser antecedida pela realização de cursinhos populares. A maior média de idade encontra-se nos estudantes indígenas, Fundasp e FIES, sendo que a média de idade dos prounistas é de quase 22 anos.

Com relação à **autodeclaração de raça-cor**, a amostra reproduz a distribuição por raça e cor encontrada no município de São Paulo, em que a população negra representa 37% do total. Assim, encontramos 23% de pardos e 14% de negros dentre os respondentes bolsistas, muito acima do montante encontrado no conjunto dos estudantes da universidade. Por sua vez, 60% se autodeclaravam brancos. Quanto a gênero, 63,7% era composto de mulheres cis. Dos respondentes, três eram pessoas trans, sendo duas mulheres e um homem trans.

Você trabalha? Se você trabalha, sua função é na área do seu curso de graduação?



No momento da pesquisa, **quase metade dos estudantes bolsistas não trabalhava**. Dos 53% restantes, que trabalhavam, parece relevante a indicação quantitativa de que 37% trabalhavam na área do curso, o que parece indicar a elevada importância do ensino superior para a progressão nas carreiras e trajetórias profissionais. Essa convergência da situação de trabalho com a área do curso pode indicar também a busca pelos estudantes de mais e melhores oportunidades.

Mais de um terço dos estudantes bolsistas trabalhadores informaram **jornadas de trabalho** de 30 a 40h semanais, e quase um quinto deles, jornadas superiores a 40h semanais. Pouco menos de um terço deles têm jornadas de 20 a 30h semanais. Parte significativa trabalha no turno vespertino, seguido do turno integral e matutino.

O seu salário é a principal ou uma das principais fontes de renda na sua casa?



Quando perguntados sobre ser o salário dos estudantes a principal ou uma das **principais fontes de renda** em sua casa, essa questão iluminou um ponto característico das famílias pobres de

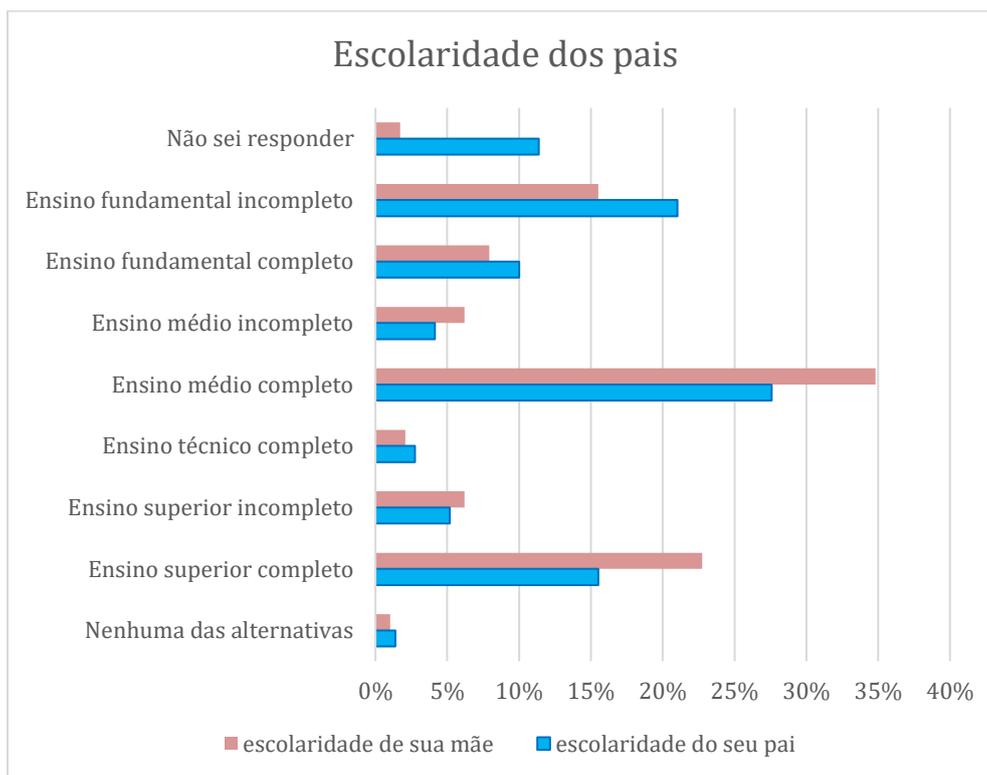
baixa renda familiar, a saber, da necessária contribuição dos jovens estudantes para a composição da renda familiar, revelando uma situação estrutural da maioria da juventude, que, no recorte estudado, impede muitas pessoas não só de acessar o ensino superior, mas que também pode incidir em dificuldades em relação à permanência universitária e também ser um fator com potencial de provocar evasão, na medida em que as horas despendidas no trabalho para auxiliar na sobrevivência familiar pode impedir a dedicação e a disponibilidade do tempo necessário para os estudos superiores. Este não é o caso de 27% que trabalham, contudo, por hipótese, seus rendimentos são fundamentais para custear as necessidades cotidianas desses estudantes.

Eu contei com ajuda de amigos para escanear os documentos por exemplo, pois eram muitos, eu não tinha impressora e ir até a Lan house ficaria muito caro. Também pedi ajuda para a minha avó para comprar um notebook e ter as aulas online, consegui pagar ela só esse ano, dois anos depois.

Eu ganhei bolsa do Santander Graduação e assim consegui comprar meu primeiro notebook...e eu vendia docinhos na faculdade para complementar a renda [benefício gerenciado pela PROCRC, em que 30% dos benefícios são destinados a ação afirmativa para pretos, pardos e indígenas].

A questão da mobilidade é uma variável sensível e central dentro do conjunto das condições para a permanência e conclusão de estudos dos estudantes bolsistas. As respostas mostram uma situação esperada e referida pela literatura, ou seja, de permanência em deslocamentos no trânsito por três a 4 horas e meia a cada dia. Esta situação geralmente é mais complexa no caso dos estudantes trabalhadores, que precisam efetuar deslocamentos entre casa, trabalho e universidade, mas afeta o conjunto dos bolsistas que residem em regiões fora do centro expandido da cidade, regiões periféricas ou mesmo outros municípios da região metropolitana. O ônibus é o meio mais utilizado para locomoção, seguido de metrô/trem. É diminuto o montante daqueles que acessam a universidade em veículo próprio; no entanto, aparece um número significativo de estudantes que vão a pé para a universidade, sugerindo a moradia em habitações coletivas, pensões ou repúblicas.

Qual o nível de escolaridade de sua mãe e do seu pai?



Os dados deste quadro são de fundamental importância para a compreensão das condições socioeconômicas e educacionais dos estudantes bolsistas. Diferentemente daquilo que é esperado em relação aos estudantes pagantes, de recorte socioeconômico que vai da classe média à classe alta, cujos pais costumam ter concluído o ensino superior, **os bolsistas têm pais em sua maioria com ensino médio completo**, seguido pelo fundamental incompleto e fundamental completo e por fim, ensino médio incompleto. O nível correspondente ao ensino superior completo ou incompleto é menos frequente, presente em cerca de 20% e 5% dos pais, respectivamente.

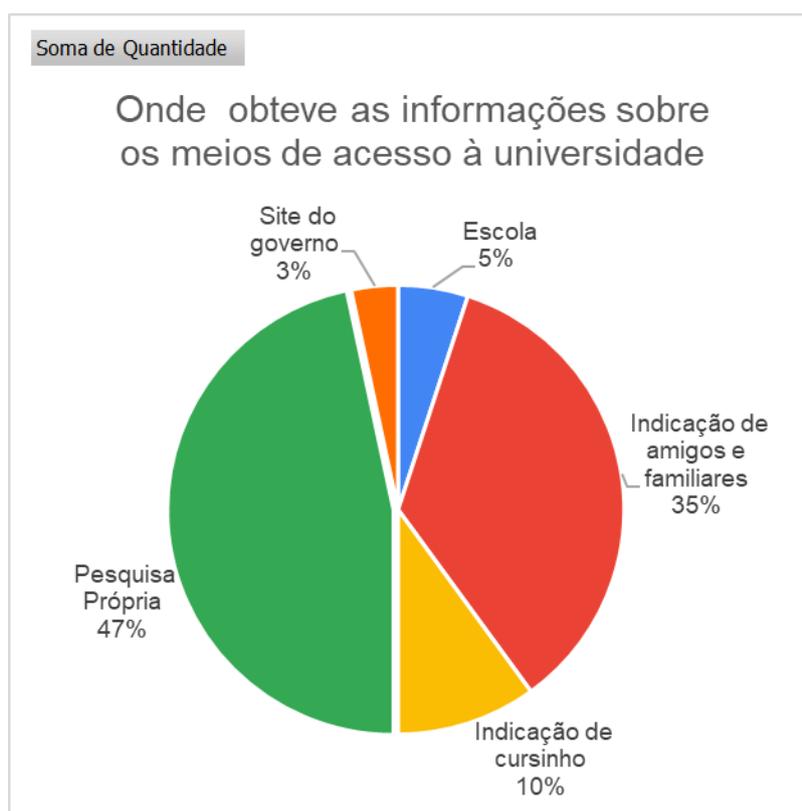
Estes dados, quando discriminados por gênero, corroboram com outras análises e investigações do assunto haja vista que, nos maiores níveis de ensino (médio, superior incompleto e superior), a escolaridade das mulheres/mães supera a dos homens/pais. Outro ponto a destacar é que é muito maior a quantidade de alunos que não sabem a escolaridade do pai do que as que não sabem a da mãe, o que pode indicar pessoas criadas somente por mães chefes de família.

Outro dado importante da pesquisa está expresso no fato de que **68% dos respondentes eram oriundos de escola pública**.

Não, minha mãe não apoia minha ideia de profissão em direito e muito menos em uma faculdade privada, já que não posso pagar e sem bolsa não conseguirei concluir a faculdade. Já meu pai não se opôs e nem apoiou (...)

Nenhum dos meus pais chegou a cursar o Ensino Médio, os dois tiveram que deixar de estudar para trabalhar e ajudar a família. Por isso, sempre fizeram muito esforço pra que eu e meus irmãos não precisássemos trabalhar. Minha mãe em especial, sempre participou muito dos meus estudos, e no momento de entrar na faculdade não foi diferente (...)

Como você obteve as informações sobre os meios de acesso à universidade?



O gráfico inicia a análise relativa ao percurso para a chegada do estudante ao ensino superior na PUC-SP e o início de sua trajetória na universidade. É interessante constatar que a maioria dos estudantes pesquisou por sua própria iniciativa informações sobre o acesso ao ensino superior na PUC-SP. As indicações de amigos e familiares, que denotam algum conhecimento a respeito dela, também se destacam. É muito interessante constatar que uma parcela relevante (10%) obteve essa informação em algum tipo de cursinho realizado.

Para 86% dos alunos bolsistas da PUC-SP, **a bolsa é a única alternativa para o acesso ao ensino superior de qualidade**, o que corrobora a imensa relevância dessa política pública de acesso ao ensino superior. Ao mesmo tempo, vê-se reforçada a constatação da importância da atenção às políticas de permanência, para garantia das condições de conclusão do curso e redução da evasão. 93% dos alunos são afetados pelo medo e insegurança sobre a garantia da sua bolsa de estudos até a conclusão do curso, algo que pode afetar significativamente as suas condições de saúde mental no ambiente acadêmico.

Torna-se preciso afirmar que as políticas de ação afirmativa precisam considerar não apenas o acesso, mas, principalmente, a conclusão dos estudos, assegurando o retorno esperado pelos estudantes. A rigor, a conclusão dos estudos indica uma transformação estrutural na vida das famílias beneficiadas e nas trajetórias profissionais dos estudantes.

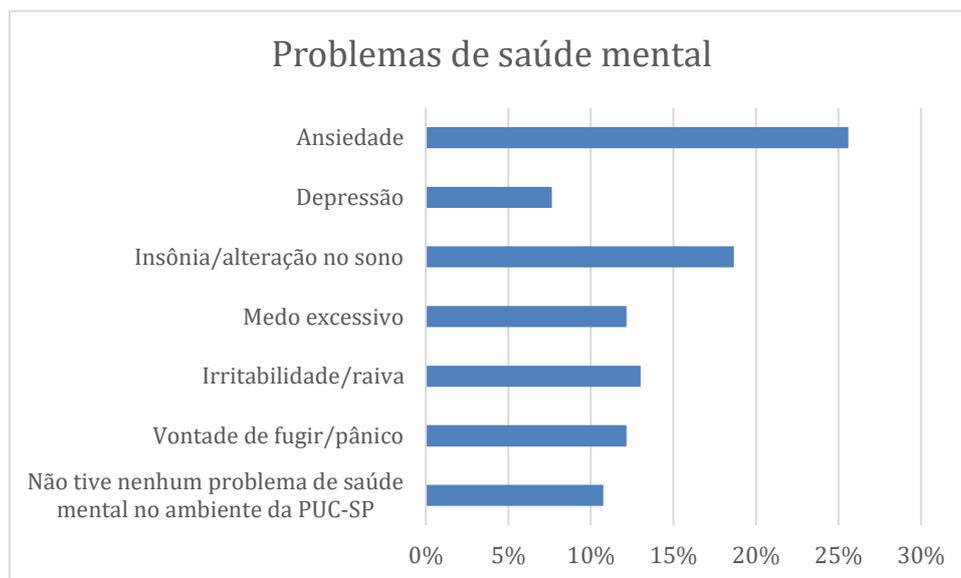
Para **71% dos alunos bolsistas a sua situação socioeconômica foi uma dificuldade para o acesso ao ensino superior**, mostrando, para além da importância de programas como o PROUNI que criam condições para o acesso ao ensino superior privado, a situação socioeconômica dificulta o acesso ao ensino superior.

Eu estudei a maior parte da minha vida em escolas públicas, desde o fundamental I até o final do ensino médio. O ensino público no Brasil é muito precário (...)

Estudei o fim do ensino fundamental e início do ensino médio em escola particular com bolsa, e no 2º ano do ensino médio precisei abrir mão da bolsa para trabalhar e complementar a renda familiar. Então voltei à rede pública, onde concluí o ensino médio.

(...) no ensino médio, no IFSP (Instituto Federal), tive 2 anos em EAD, por conta da pandemia. Isso me prejudicou muito, pois tive grandes defasagens de ensino, razão pela qual não consegui passar na faculdade dos meus sonhos e no curso que queria.

Já teve algum problema de saúde mental no ambiente da PUC-SP?



A parcela de alunos que não demonstraram ter enfrentado algum **problema de saúde mental no ambiente acadêmico** é muito pequena. A grande maioria mostra-se afetada por esses fatores. A ansiedade e as alterações no sono têm as maiores frequências, afetando, respectivamente, um quarto e quase um quinto dos estudantes. **A depressão, e outras acometimentos de sofrimento mental aparecem com destaque.** Esta pergunta sugere a importância de pensar nas motivações para o sofrimento mental, quais aspectos tornam a experiência na universidade mais exaustiva e qual é o papel de questões como dupla jornada, ambiente de ensino novo e mais exigente do que o experimentado no ensino médio, dificuldades econômicas e tempo despendido no transporte público, entre outras.

Em sintonia com a questão anterior, esse momento de pandemia afetou as condições gerais de sobrevivência dessa geração, o que foi relatado por mais de 50% dos respondentes, por ansiedade e falta de concentração, solidão e alterações no sono, entre outros.

Apesar de não ser a maioria, **mostrou-se elevado o percentual dos alunos que em algum momento considerou sair da PUC-SP.** Dado preocupante, principalmente ao se considerar que a maioria dos respondentes estão no início ou no meio dos cursos. Isto pode ser explicado por diversos fatores por dificuldades ligadas às condições sociais e econômicas vividas pelo aluno, inadaptação ou mesmo insatisfação com o curso escolhido.

Você considera ou já considerou sair da PUC-SP?

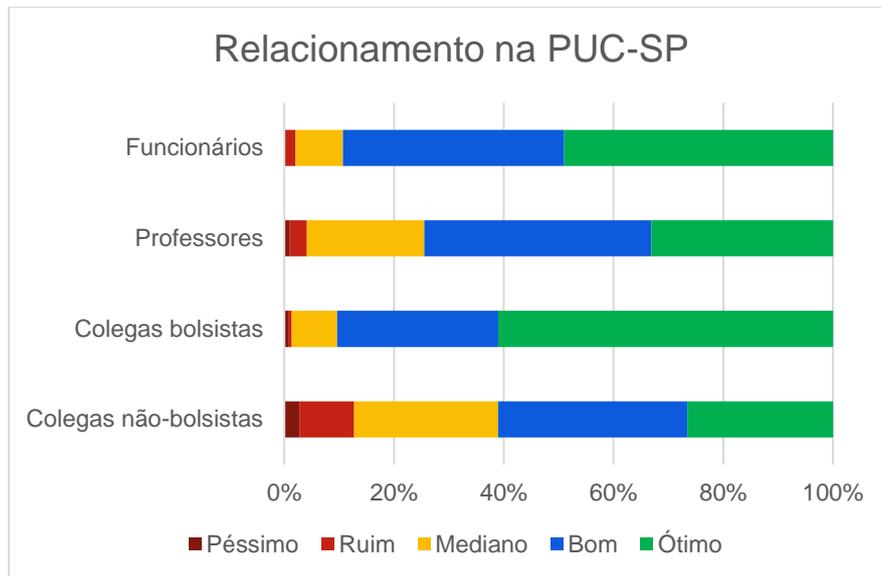


Eu fiquei extremamente cansada no início das aulas presenciais devido à distância da minha casa. Pensei que a longo prazo não aguentaria esse trajeto todos os dias e pensei em desistir logo.

Antes de entrar na PUC não tinha ideia da complexidade que era para chegar na universidade, como eu moro longe da faculdade tenho que sair até 2h antes para chegar em um horário que seja consideravelmente suficiente para comer no bandejão e ir para aula ou para a biblioteca terminar algum trabalho ou até mesmo estudar, lembrando que são poucos professores que nós liberam antes das 22h30 para pegarmos ônibus e metrô, então muitas vezes eu literalmente tenho que correr para pegar o último ônibus que vai para meu bairro.

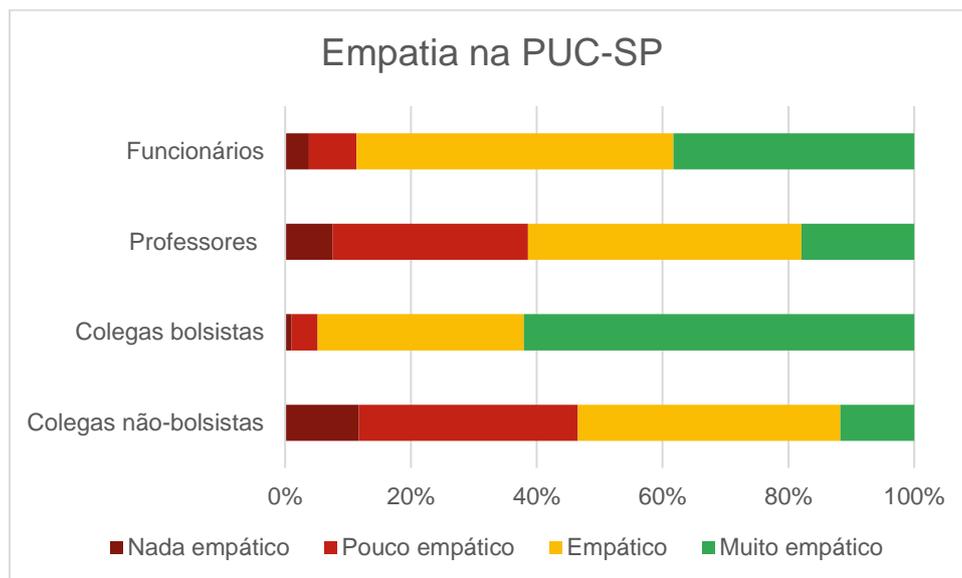
Porque a rotina de um curso integral é muito puxada e difícil de conciliar com trabalhos. Porque é um lugar que não me identifico e que vou ter que passar 5 ou 6 anos. Porque me sinto muito desgastada e frequentar esse espaço me gerou muitos efeitos negativos na minha autoestima, autopercepção e vontade de realizar as coisas.

Como você avalia o seu relacionamento na PUC-SP com funcionários, professores e colegas



É interessante esta questão mostrando **a relação dos estudantes com os diversos segmentos da comunidade acadêmica**. A maioria mostra ter bom e ótimo relacionamento com, pela ordem, colegas bolsistas, funcionários, professores e colegas não-bolsistas. Neste último caso, aproxima-se de 40% o percentual de alunos que consideram o relacionamento de mediano a péssimo.

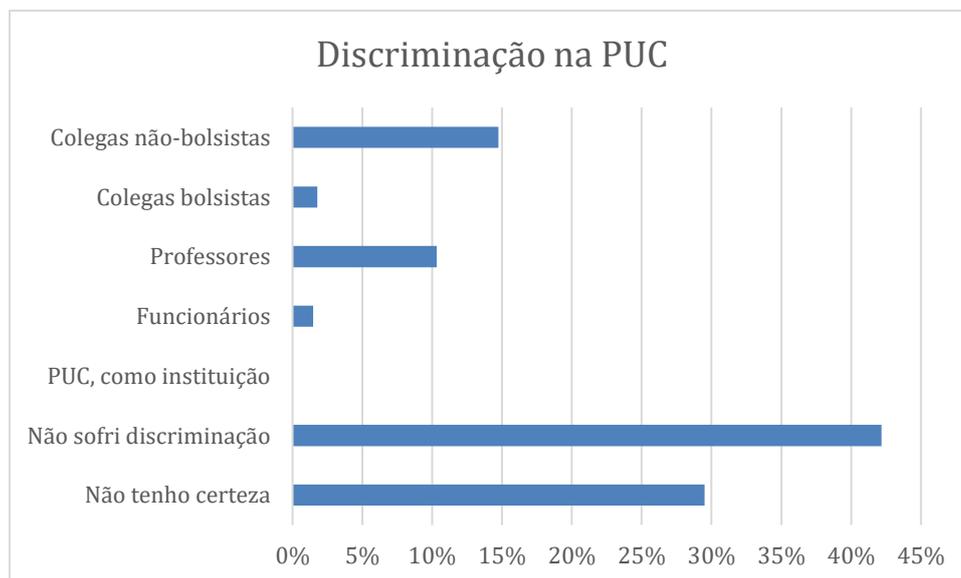
Como você percebe empatia por parte de funcionários, professores e colegas?



Esta questão específica e aprofunda a questão anterior, por meio da apresentação de um conceito de empatia. A análise geral do quadro acima, permite notar que a empatia se faz presente no ambiente universitário, com índices elevados de muita empatia em relação aos próprios colegas bolsistas e funcionários. Porém há **menor percepção de empatia advinda da relação com**

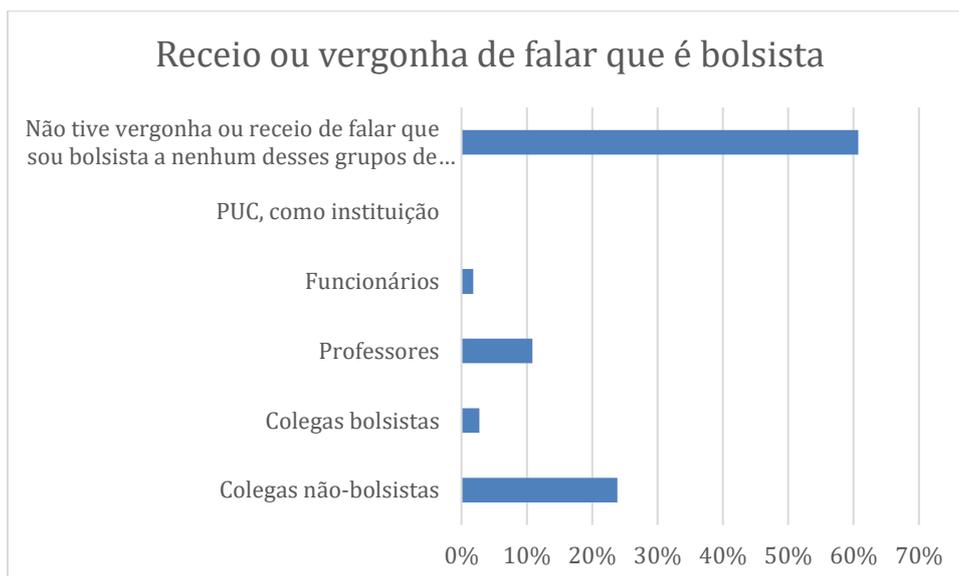
professores e colegas não-bolsistas, algo que pode ser aprofundado, uma vez que indica possíveis dificuldades para uma possível troca de experiências e de aproveitamento das oportunidades acadêmicas e profissionais do aluno bolsista e, sobretudo, para sua socialização e integração na universidade.

Já sofreu algum tipo de discriminação na PUC-SP por parte de funcionários, professores, colegas ou instituição?



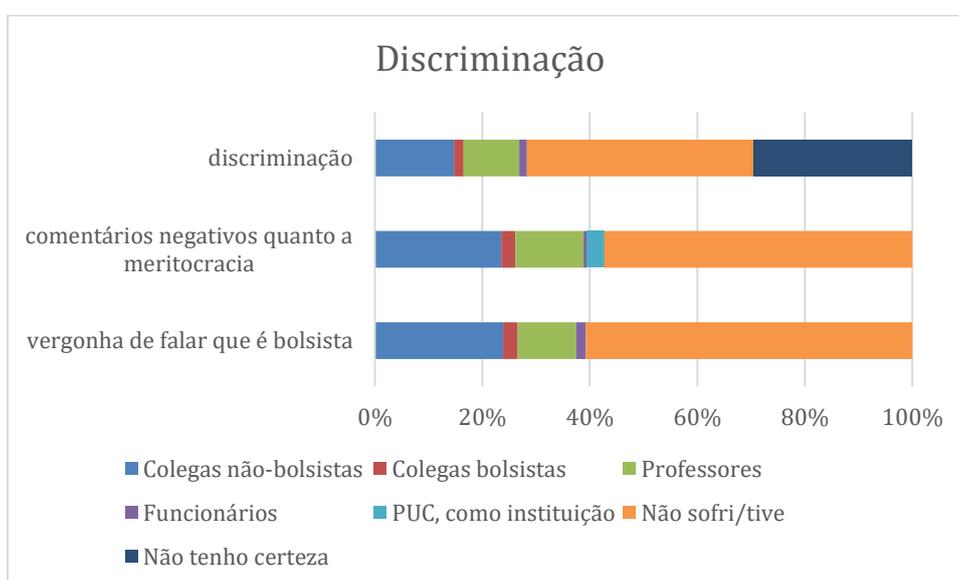
Dois quintos dos perguntados afirmaram não terem sofrido discriminação, mas ela está presente na universidade e se mostrou presente em outras perguntas feitas, seja no sentido de discriminação por serem alunos bolsistas, seja por serem negros, indígenas, ou mesmo por terem uma situação econômica instável. É significativo que cerca de 30% “não tem certeza” quanto a terem sofrido expressões da discriminação, mostrando que se trata de um conceito muitas vezes sutil e subliminar, expresso em comportamentos e posturas difíceis de identificar. Nos casos em que a discriminação é identificada pelos respondentes, ela advém de alunos não-bolsistas (quase 15% de menções) e de professores (10%).

Você teve ou tem receio ou vergonha de falar que é bolsista com funcionários, professores, colegas e instâncias da PUC-SP?



É destacável que **há uma percepção positiva em relação à condição de bolsista**, por mais da metade dos respondentes, pois é sabido que na cultura dominante é frequente se fazer uma apreciação moral negativa em relação a esse tipo de políticas públicas. A alta concentração de respostas em não sentir receio ou vergonha se contrapõe a um certo receio ou vergonha na relação com os colegas não bolsistas. Contudo, pode-se dizer que as respostas indicam uma melhora histórica na percepção geral da sociedade quanto à inequívoca legitimidade da presença de alunos bolsistas, notadamente na PUC-SP.

Já foi alvo de comentários negativos ou insinuações associadas a uma visão meritocrática de ingresso na universidade?



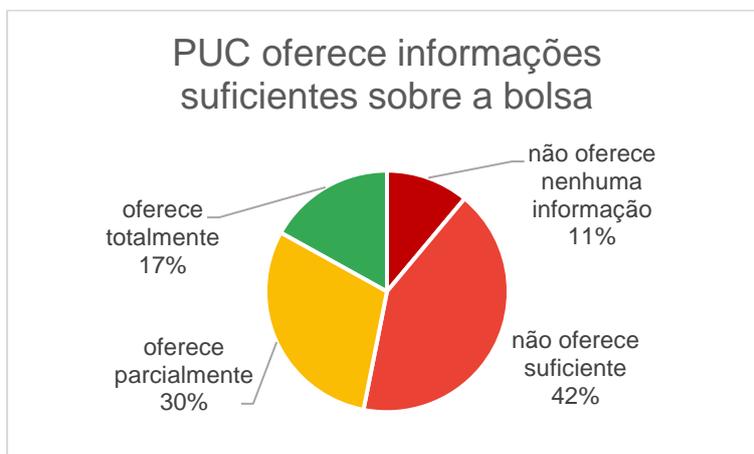
Observou-se que no ambiente da PUC-SP os alunos bolsistas não sofrem com tanta ênfase a discriminação; quando esses comentários ou insinuações ocorrem eles partem de professores e de alunos não-bolsistas sendo, indicando, em maior parte ideias “meritocráticas”, permitindo até mesmo dizer que o preconceito sofrido é algo mais estrutural a partir de uma cultura hegemônica e elitista, mais enraizado do que explícito.

Você tem medo de perder a sua bolsa?



93% dos alunos são afetados pelo medo e insegurança sobre a garantia da sua bolsa de estudos até a conclusão do curso, algo que pode afetar significativamente as suas condições de saúde mental no ambiente acadêmico.

Você acha que a PUC-SP oferece informações suficientes em relação aos critérios de manutenção ou perda de bolsa?



De acordo com as respostas, pode-se concluir que **são fornecidas informações referentes às bolsas**, porém estas não são tão detalhadas ou não suprem totalmente o suporte ao que o aluno bolsista acredita precisar. Isso pode afetar a sua permanência na universidade e também seu desempenho, considerando ainda que na questão anterior 93% afirmaram receio quanto a poder perder o benefício da bolsa. Assim, a possível defasagem na disponibilização de informações pela universidade pode colaborar para aumentar essa sensação de insegurança.

Considerarei sair pela PUC pois não me sinto pertencente ao ambiente, antes da pandemia chegava e ia embora chorando, me sentia totalmente invisível. Fiz parte da clínica de atendimento psicológico para pessoas negras durante 6 meses, melhorei, mas após a volta do presencial ainda sinto muita dificuldade. Me sinto invisível e tendo que provar meu valor o tempo inteiro. [o atendimento psicológico para a comunidade negra e indígena foi realizado de forma piloto pela Clínica Psicológica em 2020/21]

A recepção dos pagantes é totalmente diferente da nossa. Não temos bateria, sorvete na porta ou brinde de boas-vindas. Além disso, no caso dos Prounistas, o atraso de matérias não é preocupação da universidade, que não aconselha professores a terem material de apoio para esses alunos.

Disseram que o fato de eu ter espinhas prova que eu sou pobre, pois se fosse rica minha pele seria limpa. Já me ofereceram roupas para trabalho não por gentileza, mas afirmando que eu nunca teria dinheiro para comprar. Desacreditaram que eu tinha conseguido um estágio em um lugar bom por ser bolsista a não ter nenhum familiar importante, conhecido na área. Muitos comentários sobre meu cabelo crespo.

Em alguns grupos de outras pessoas [...] alunos brancos e tudo, e eles [os bolsistas] tentam se encaixar em grupos de pessoas brancas, e eles sofrem bastante preconceito assim, porque, como eu disse, as pessoas já são bastante preconceituosas, então elas acabam excluindo essas pessoas, acabam rindo dessas pessoas.

(...) Eu tenho um professor [...] ele sempre falava, aí esse povo do Nordeste fica votando no Lula só porque não tem água, não tem nada o que comer e aí sempre a gente acaba ouvindo várias coisas soltas assim. E é muito desconfortável.

Para 83% dos alunos bolsistas, a faculdade e curso escolhidos podem contribuir para melhorar as suas condições socioeconômicas. Embora seja um resultado aparentemente óbvio, essa questão encerra um conjunto de questões importantes. De um lado, a constatação de ser considerado um caminho que alavanca o progresso individual, que traz a possibilidade de se conquistar uma qualidade de vida melhor e com mais acesso a recursos como saúde, moradia, lazer, em suma, mobilidade social. Para tanto, evidencia em graus variáveis a confiança no futuro, no ensino superior e na PUC-SP, como perspectivas para esse futuro imaginado. De outra parte, elementos como a dúvida/pessimismo sobre as oportunidades geradas na economia, sobre o desenvolvimento econômico inclusivo, sobre as transformações no mundo do trabalho, com as incertezas que permeiam o planeta, em face do desenvolvimento tecnológico e da supremacia dos interesses do capitalismo global sobre as demandas das sociedades em relação a um futuro sustentável e inclusivo, parecem não estar tão presentes nas projeções desta geração.

Acredito que na época pré-vestibular eu julguei que o curso mais provável que eu conseguisse bolsa, que fosse numa faculdade reconhecida e abrisse chance de conseguir um emprego bem remunerado fosse no curso de psicologia da PUC.

Eu sentia plena convicção de que nunca conseguiria passar imediatamente num curso de medicina ou advocacia sem possuir uma extensão em cursinhos.

Levar uma educação de qualidade para as crianças e jovens de minha aldeia, e dessa forma, assim como eu, ingressarem nas universidades do Brasil, retornando também para contribuírem com a nossa comunidade.

3) Principais resultados dos grupos focais

As informações do questionário aplicado permitiram uma análise preliminar que serviu de roteiro para os debates do grupo focal. Os estudantes foram divididos em dois grupos em função da disponibilidade deles e da equipe de pesquisadoras. Foram feitos dois roteiros com duas questões iguais e outras quatro diferentes em virtude da extensão dos pontos a serem tratados. Participaram estudantes de Administração, Direito, Serviço Social e Psicologia. Para todos os grupos houve uma primeira questão sobre socialização e pertencimento. Para o grupo 1 os pontos debatidos foram: processo de inserção na universidade, saúde mental na pandemia, desistência e melhorias

demandadas. O grupo 2 debateu os seguintes temas: questões étnico-raciais e LGBTQIAP+, apoios recebidos, cobrança de desempenho e burocracia.

No quesito socialização e pertencimento (grupos 1 e 2), o momento de ingresso à universidade, ou a finalização do processo de sua inclusão como estudantes faz com que os bolsistas não tenham possibilidade de participar da recepção de calouros. Há dificuldades de integração com outros alunos decorrentes de problemas para participar de eventos e momentos de lazer: “*o que os não-bolsistas gastam para ir a um bar, pode alimentar minha família por dias*”. Estudantes utilizaram termos como *hiato* e *abismo* para descrever a relação entre a sua condição econômica e a dos colegas. Vários relataram sentirem-se deslocados, não pertencerem à situação universitária por diferentes motivos.

Quando o grupo 1 foi perguntado sobre o processo de inserção na universidade: 48% dos estudantes relataram dificuldades e sofrimento no processo de inserção advindo de outros colegas e professores.

Ao serem questionados sobre como a pandemia refletiu na saúde mental dos bolsistas, somente 28% bolsistas do grupo 1 afirmaram não ter tido problemas. Os demais relataram sintomas de estresse, sentirem-se angustiados, desamparados, com insônia e outras alterações do sono, ansiedade, aflição, depressão, irritabilidade, raiva, medo excessivo, inquietação.

Algumas demandas levantadas a partir do questionário, se fez presente na fala dos estudantes do grupo focal. Para os bolsistas do grupo focal, três temas foram tratados, embora tivessem sido instigados a falar sobre todos os anteriores também: comunicação efetiva, transporte para a universidade e tratamento por parte dos professores.

Nas respostas às questões sobre discriminação aparece pouco a explicitação de problemas vividos por bolsistas em relação à questão racial, como o sofrimento vivido pelos bolsistas pretos e pardos ou pelos brancos. Somente um indígena do Programa Pindorama respondeu ao questionário e o maior problema citado por ele diz respeito ao tempo que gasta para se locomover entre sua casa e a PUC-SP (toma quatro ônibus e usa duas passagens por dia). A questão LGBTQIAP+ também não aparece nas respostas. O questionário não solicitava identificação de orientação sexual. Diante disso, foi possível identificar apenas um aluno trans.

Quando o grupo focal 2 foi perguntado sobre cobrança de desempenho, os bolsistas citam se cobrarem constantemente para terem um bom desempenho nas disciplinas, inclusive por medo de perderem a bolsa se as notas baixarem.

Alguns estudantes, no questionário, falaram do problema de serem cobrados para entregar uma gama muito grande de documentos comprobatórios, e ficam perdidos. Isto gera medo de perder

a bolsa, desgaste e exige tempo para ficar constantemente atualizando os dados. Uma das alunas diz que se sente muito angustiada por ter que constantemente provar a pobreza.

4) Considerações Finais

Inicialmente, vale mencionar que o presente resumo executivo traz um recorte de alguns pontos que a equipe considerou de maior interesse e relevância em relação ao tema da pesquisa e oportunos para uma primeira apresentação e discussão com a comunidade acadêmica. Longe de pretender esgotar o assunto, objetivou-se apresentar com a maior fidedignidade possível os dados obtidos na pesquisa, conforme foram ressaltados pelos estudantes pesquisados. São pontos para reflexão que poderão ser oportunamente aprofundados.

A seguir, condensamos três grupos de questões que resumem um pouco os achados da pesquisa, tendo como foco uma avaliação crítica da atuação institucional, visando o seu aprimoramento. Vale citar, por exemplo, as políticas de permanência, ações que fortaleçam o respeito à diversidade social e o enfrentamento de quaisquer tipos de discriminações que se fazem presentes em instituições educacionais com as características da PUC-SP.

Por fim, levantamos alguns pontos que apareceram de forma pouco aprofundada ou indireta e podem constituir futuras agendas de pesquisa importantes para o objetivo final da pesquisa, que é que as políticas de acesso e permanência, construídas de forma participativa e dialógica, possam impedir que a desigualdade social presente na sociedade e refletida na PUC-SP comprometa as condições de aproveitamento educacional e preparação profissional dos estudantes.

Um fator de insegurança e ansiedade dos bolsistas em relação ao acesso à universidade, é a questão documental para confirmação da bolsa e da matrícula. Apareceu aqui a grande importância do cuidado institucional em relação ao fluxo de documentos: indicação da lista e prazo factível para obtenção dos documentos, formas de envio para análise, e aprovação dos documentos que permitem verificar a adequação aos critérios de obtenção da bolsa e da matrícula escolar, visibilizando ao máximo critérios e regras para as renovações periódicas da Bolsa. Uma entre outras possíveis sugestões seria que o setor encarregado organizasse resposta oficial do setor de bolsas sobre o recebimento dos documentos com sucesso.

Dentro da temática do acesso, o novo estudante bolsista chega com o semestre iniciado e a sua recepção é tardia e diferenciada em relação aos não-bolsistas e sem-graça, “não tem bateria, não tem alegria, sorvete”, gerando uma sinalização de diferença de tratamento em relação aos não-bolsistas. De fato, as aulas já iniciadas fazem com que muitas vezes os docentes apresentem múltiplas

exigências para o estudante e proximidade de provas e entregas de trabalhos. Como assegurar o acolhimento para o ingressante bolsista?

Uma segunda reflexão é em relação à desigualdade: qual é a significação individual de se chegar num lugar social – a Universidade – que está naturalizado como sendo o lugar apropriado para/por uma elite e não sendo o lugar esperado para estudantes pertencentes à classe trabalhadora, do(da) jovem periférico(a) advindo da escola pública, do qual uma parte importante apresenta grande vulnerabilidade social?

Muitos bolsistas expressam ficarem angustiados e perdidos em relação às exigências do mundo acadêmico, principalmente ao ingressar, “fora de hora”, até o segundo mês letivo: “estude, sistematize, faça pesquisas, consulte na Biblioteca, resolva na Internet”... muitas vezes o aluno não sabe nem por onde começar, nem tem uma adequada inclusão digital... Faria bastante sentido treinamentos ou atenção específica a este aspecto, pois muitos bolsistas vêm de um ensino médio com lacunas de formação e não têm um conjunto de informações estruturadas que poderiam auxiliar na realização das atividades pedagógicas. Aliás, ficaram patentes as dificuldades de gestão do ensino médio público na pandemia, afetando os estudos dessa geração.

Atenção para as discriminações sofridas na universidade!! A realidade dos estudantes bolsistas passa por padrões e desigualdades no padrão dominante do vestuário, dos equipamentos, tecnologias e chega às dificuldades em relação à mobilidade espacial, em relação à distância casa-universidade e o tempo no transporte público. Discriminações podem se referir a inúmeros aspectos culturais/ subjetivos dos bolsistas, à linguagem, ao sotaque, aos hobbies, às preferências artísticas e culturais, aos padrões de consumo, ao local e condição de moradia, às questões morais e religiosas, perspectivas políticas e ideológicas. Assim, as expressões da diversidade social enfrentam a força de um “padrão” normalizado dos grupos de maior poder aquisitivo. Como lidar com isso? Importância de dar voz às diferenças sociais, conversar, acolher, escutar, orientar.

Dilema do aluno trabalhador: importância de levar em consideração as vicissitudes e dificuldades enfrentadas pelo amplo grupo de alunos trabalhadores, as dificuldades em relação à assiduidade e pontualidade, à dificuldade de compatibilizar as demandas acadêmicas, o cansaço, que pode chegar à exaustão, o sofrimento mental, entre outras. Para diversos alunos, aliás, o horário das 22h45 é o último horário que garante poder fazer as baldeações dos modais para chegar em casa em horário adequado. Isto gera ansiedade, pelo horário do transporte e dos deslocamentos casa-trabalho-universidade.

Houve citações em relação a apoio em questões de moradia próxima à universidade, possibilidade de apoio em relação a transporte nos horários de maior movimento. Cabe registrar

também menções à importância da bolsa-xerox, que foi descontinuada diante da ampliação das atividades digitais.

Importante ressaltar que a saúde mental, que tem aparecido em diversos contextos em escala global e no país, especialmente agravada a partir da pandemia, se apresenta com muita força entre os jovens e no ensino superior. Assim, grande parte dos estudantes expressou situações de ansiedade, pânico e transtornos do sono, entre outras, mostrando uma dimensão importante das políticas de permanência.

Também foi animador, entre muitos testemunhos positivos de valorização das trajetórias de vida e de superação, verificar que 70% dos bolsistas não tem receio de se mostrar como bolsistas, que existe elevada autoestima e propósito de avançar e concluir os estudos. Isto comprova o valor que os próprios estudantes bolsistas se atribuem, em linha com as avaliações que mostram desempenho acadêmico equivalente ou superior aos não-bolsistas.

Uma conclusão preliminar do Grupo de pesquisa é que faria sentido pensar em algum tipo de aprimoramento do acolhimento, por exemplo com a criação de grupo(s) de apoio para bolsistas, capaz de observar e dar encaminhamento às principais dificuldades detectadas, melhorando a comunicação das políticas da universidade e buscando melhorar a política de permanência.

Por fim, entende-se que o presente estudo poderá servir como referência para outras discussões e aprofundamentos. Assim, o esforço aqui empreendido poderá apoiar e dar lugar a outros estudos e discussões, compondo uma agenda futura de estudos e diálogos acadêmicos.